

# Grutas de Maceira (Vimeiro)

POR

G. Zbyszewski e A. Viana

---

Uma das colecções arqueológicas deixadas por Nery Delgado no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, até agora ainda não publicada, é a proveniente da exploração feita pelo ilustre geólogo e arqueólogo nas grutas de Maceira (Vimeiro), na freguesia de A-dos-Cunhados, concelho de Torres Vedras.

Os objectos reunidos no Museu têm a indicação: — «Gruta mais ocidental do Cabeço do Castelo — 200<sup>m</sup> a W. do balneário das Águas Santas».

Procurando nos cadernos de campo de Nery Delgado, achamos os seguintes apontamentos, por sorte redigidos em termos de poderem servir para uma notícia definitiva, pelo que os transcrevemos integralmente:

— «6 de Outubro de 1879. Na vertente sul-occidental do Castelo, cabeço penhascoso de calcário jurássico desprendido da faixa que corre pelo Sul da Maceira, pela falha que neste sítio dá passagem à ribeira de Vimeiro, há, a meia encosta, isto é, a 40 metros acima do leito da ribeira e uns 200<sup>m</sup> a O. dos banhos das Águas Santas, duas grutas gémeas abertas neste calcário e descendo para o interior da colina, uma para O. e outra para NE., que começaram a ser exp'oradas, pensando-se ao princípio que fossem muito produtivas mas, infelizmente, não sucedeu assim.»

«Ambas as grutas têm uma larga abertura (e especialmente a do nascente) e estavam cheias à entrada, até 1<sup>m</sup>,50 do tecto,

pelo depósito arenáceo quaternário ou diluvial, na capa superior de 0<sup>m</sup>,20 a 0<sup>m</sup>,30 remexido, e até, na parte directamente iluminada pelo sol, tendo recebido cultura.»

«Os tectos das duas grutas são ligados exteriormente por uma espécie de cornija natural, sobressaindo à parte lisa do calcário e sobranceira a uma espécie de longo patamar ou terraço que dá acesso a uma e outra. Foi neste terreno e à entrada da gruta ocidental (e que supomos prolongar-se para a chamada «lapa do sapateiro», mais próxima de Maceira e na extremidade do cabeço) que foram achados os relativamente raros e pouco interessantes objectos de indústria pré-histórica, que se descobriram nesta localidade.»

«Estes objectos consistem principalmente em muitos fragmentos de louça grosseira, rugosa, lisa ou com desenhos simples, impressões feitas com um estilete, e fabricada à mão. Um caco muito notável achado hoje em minha visita, a uns 3<sup>m</sup> de distância da boca da gruta ocidental, apresenta estes desenhos em traços feitos com um verniz negro» (1).

«Encontraram-se também alguns ossos de animais, queimados ou não, um único fragmento de faca de sílex, muitos seixos quartzosos de diversas grandezas, alguns estalados e outros com provas evidentes de trabalho. É muito notável um pedacinho de placa de cobre com desenhos e que certo pertencia a um adorno. Achou-se também um maxilar inferior de *canis*, outra peça semelhante, de um pequeno carnívoro e um crânio de... (*ilegível*)... porém como estas grutas serviram em todo o tempo de guarida temporária a animais carnívoros (raposas) que ali fossem devorar a sua presa, e como estes ossos se encontraram na capa superficial da terra solta, é muito arriscado assegurar que todos os objectos coligidos sejam na verdade da época pré-histórica.»

---

(1) Deve ser o da Est. I, fig. 1.

«As paredes de ambas as grutas são lisas, e como disse ambas mergulham para o interior do cabeço, de forma que podendo-se estar comodamente de pé, a entrada de ambas elas, à distância de uns 8-10<sup>m</sup> da boca, estava completamente obstruída.»

«O depósito areáceo quaternário que as enchia e que penetrou em todos os algares do calcário oferece a composição a mais irregular. É numas partes fino e composto de uma areia quartzosa incoerente e parcialmente cimentada por óxido de ferro, noutras, pelo contrário, extremamente grosseiro e carregado de pequenos calhaus quartzosos irregulares.»

«Na gruta ocidental este depósito grosseiro apresentava-se em parte fortemente cimentado por calcário e por óxido de ferro e manganés, apresentando uma certa estratificação ou formando um estrato inclinado para o interior da gruta junto à parede setentrional.»

«As duas grutas são secas. Apenas a água que exteriormente escorre pelo tecto poderia pingar no pavimento e, por isso, falta ali manto estalagmítico e não se vêem estalactites no tecto. Não foi, todavia, sempre assim, e a prova está no estrato calcário, ou antes no carbonato de ferro, que disse cimentar as areias quaternárias, e o achado de algumas grossas estalagmites da mesma natureza, também achadas soltas no meio das areias revolvidas da mesma gruta ocidental.»

«Os calcários estão (*inclinados*) verticalmente na direcção da falha, ou linha de fractura das camadas, a que corresponde este lanço da ribeira, correndo aproximadamente para N. 55° E., segundo pude observar do alto. A superfície dos calcários foi, (*porém*), fortemente denudada, e apresenta-se atravessada de algares mais ou menos fundos e de superfícies lisas, (acusando) a acção dissoluta das correntes diluviais a que estiveram sujeitos.»

«As duas grutas de que falamos não são senão um destes algares de maiores dimensões, e aberto pelas águas, penetrando por uma fenda horizontal da parede do canal. O enchimento das duas grutas... (*ilegível*)... e foi mesmo. Na mais oriental há uma espessíssima camada de conglomerado, formada de abundantíssimos calhaus quartzosos rolados, mas mostrando ainda vestígios das mais primitivas formas angulosas, e alguns seixos envolvidos num grés mais ou menos grosseiro, numa pasta grosseira, cortando-se facilmente a picção, noutras muito fortemente cimentado. Encontram-se neste depósito, que tem perfeitamente o carácter dos depósitos diluviais, alguns ossos petrificados e muito rolados, certamente restos de animais da época quaternária.»

«Na gruta mais ocidental, que parece transpor a montanha, indo ligar com a gruta do sapateiro, este depósito grosseiro forma apenas uma capa superficial de alguns decímetros de espessura, mas que adelgaça gradualmente para o interior da gruta (que, como dissemos, desce para o interior do cabeço), indo terminar no topo entre as paredes laterais deste ramo da gruta. A base desta camada é formada por um estrato irregular de calcário ferruginoso, ou antes, de carbonato de ferro espático, notando-se nesta parte do grés também concentração de óxido de manganés, e por baixo de outra camada rija, de aspecto semelhante às estalagmites, há uma areola pròpriamente solta, mais ou menos grosseira, em parte branca, na qual não se descobriram os mesmos seixos. Por baixo vai outra vez o grés grosseiro.»

«No grés grosseiro desta parte da gruta e à profundidade de 1<sup>m</sup>, foi achado um sílex que é, portanto, evidentemente quaternário. A camada de grés grosseiro e um conglomerado da gruta ocidental têm mais de 3<sup>m</sup> de grossura; mostra também dois estratos de areia solta, de alguns centímetros em toda a extensão da vala que mandei abrir. Por cima há uma camada de grés mais

fino, remexido, que liga horizontalmente com a camada de terra cultivada do exterior da gruta.»

«À gruta do sapateiro, na face O. do mesmo morro calcário denominado «o castelo» e muito próxima da povoação de Maceira, não difere pela forma nem pelo conteúdo das anteriores. É, porém, mais ampla e mais bela, começando logo à entrada no tecto um manto estalagmítico de 0<sup>m</sup>,20 de espessura média, de espato calcário que se desprende do tecto formando um sótão, de pequena altura e onde a custo se poderia penetrar de rojo. Esta gruta era também cheia pelo conglomerado de abundantíssimos, e ainda mais grossos, seixos quartzosos irregulares, que foi extraído pelo proprietário e antigo habitante da gruta, um homem excêntrico e fanático que ainda vive.»

«No fundo a gruta é muito escura, mas vai-se... (*ilegível*)... até o topo, onde o manto estalagmítico liga o tecto com o pavimento da gruta, que naturalmente para o interior se vai aproximando. Este conglomerado e grés grosseiro é o mesmo que se vê em Maceira, cortado na estrada, com a diferença que cá fora parece ser mais raro, formando como manchas ou bolsas no meio dos grés mais finos.»

«A gruta do sapateiro tem a entrada com 8<sup>m</sup> de largura e actualmente tem altura bastante para se caminhar dentro dela à vontade. Antes de desentulhada não teria talvez mais de 1<sup>m</sup> de altura até ao tecto estalagmítico.»

Passamos à descrição dos objectos recolhidos no Museu dos Serviços Geológicos.

### Série paleolítica

— Lasca atípica, de quartzite, do 1.º talhe, com plano de percussão na superfície primitiva do seixo. Reverso plano formado pela superfície primitiva do seixo, com excepção de duas

pequenas facetas, estreitas, ao longo de um dos bordos. Anverso constituído pela superfície de separação, com bolbo à esquerda da base. Uma das extremidades termina em ponta triangular. Tem indícios de utilização em todos os bordos. Será, possivelmente, do taiacense final.

—  $0^m,073 \times 0^m,071 \times 0^m,018$  (Est. II, fig. 8).

— Lasca de quartzite, residual. —  $0^m,044 \times 0^m,025 \times 0^m,008$ .

### Série post-paleolítica

— Pequeno fragmento de lâmina, de secção transversal triangular, apresentando pequeníssimos retoques em um dos bordos e em uma das extremidades.

—  $0^m,024 \times 0^m,017 \times 0^m,005$  (Est. II, fig. 4).

— Lasca residual, de sílex.

—  $0^m,050 \times 0^m,039 \times 0^m,014$ .

— Grande fragmento de mó, de grés jurássico. Esta peça, antes das fracturas que mostra aos cantos de uma das extremidades, seria possivelmente rectangular.

—  $0^m,260 \times 0^m,176 \times 0^m,094$  (Est. III, fig. 15).

— Quatro fragmentos de seixo, de rocha ofítica, utilizados como percutores muito grosseiros. Dois deles mostram em uma das faces indícios de terem servido também de mós.

—  $0^m,126 \times 0^m,098 \times 0^m,077$ ;

—  $0^m,105 \times 0^m,075 \times 0^m,073$  (Est. III, fig. 13);

—  $0^m,067 \times 0^m,066 \times 0^m,054$ ;

—  $0^m,057 \times 0^m,036 \times 0^m,042$ .

## Indústria óssea

— Pequena lasca de osso, alongada, apresentando polido em uma das extremidades. Pode ter sido empregado como estilete para a realização de ornatos incisos na cerâmica.

— 0<sup>m</sup>,050 × 0<sup>m</sup>,013 × 0<sup>m</sup>,025.

## Série metálica

— Pequeno fragmento de chapa de cobre, muito delgada e ornamentada. O desenho é formado por alinhamentos de círculos com uma cavidade ao centro. Estes alinhamentos de pequeninos círculos estão ligados por faixas de traços paralelos, oblíquos aos referidos alinhamentos. Estes traços, assim como os que preenchem os triângulos da faixa que se vê em uma das extremidades do fragmento, são incisos e extremamente finos, tornando-se necessários em conveniente incidência de luz para se tornarem bem perceptíveis. O carcomido e o carbonato cúprico da superfície não deixam ver se os círculos são gravados ou se foram obtidos logo na fundição, parecendo, no entanto, mais provável o primeiro caso. O fragmento está partido em dois bocados ajustáveis.

— 0<sup>m</sup>,034 × 0<sup>m</sup>,026 × 0<sup>m</sup>,003. (Est. II, fig. 12 e Est. IV, fig. 21).

— Uma porção de pequeninas esferas de cobre desde o tamanho de um grão de ervilha até metade. Uma delas está solta (Est. II, fig. 7), ao passo que as restantes se encontram ligadas pelo carbonato cúprico resultante da alteração do metal (fig. 6).

## Série cerâmica

### Grupo A — Cerâmica ornamentada

a) *Cerâmica esgrafitada*: — Dois fragmentos ajustáveis, do bordo e flanco de um pequeno vaso de características argácicas, abrangendo a aresta saliente que divide a parte superior da inferior e em forma de calote esférica, da vasilha. Na parte superior do fragmento, na zona pertencente ao flanco, observa-se um ornato em espinha. Este desenho foi executado por meio de uma ponta fina e romba, a qual produziu, por alisamento da pasta, em fresco, os traços negros e brilhantes que se evidenciam sobre o fundo mate da restante superfície do barro. Espessura do bordo: 0<sup>m</sup>,035 (Est. I, fig. 2).

— Fragmento de vaso campaniforme, com desenho esgrafitado, de negro brilhante sobre fundo acastanhado baço. Dimensões do fragmento: comprimento: 0<sup>m</sup>,127; largura: 0<sup>m</sup>,078; espessura: 0<sup>m</sup>,011 (Est. I, fig. 1).

b) *Cerâmica com ornatos incisos*: — Pequeno fragmento do flanco de um vaso. Comprimento: 0<sup>m</sup>,081; largura: 0<sup>m</sup>,062; espessura: 0<sup>m</sup>,012 (Est. II, fig. 5).

— Dois fragmentos de um mesmo vaso, embora se não liguem. Desenho idêntico ao do fragmento anterior, porém com reticulado mais miúdo. Dimensões do fragmento que é triangular: comprimento: 0<sup>m</sup>,036; largura: 0<sup>m</sup>,035; espessura: 0<sup>m</sup>,011 (Est. II, fig. 9). Dimensões do outro fragmento: comprimento: 0<sup>m</sup>,045; largura: 0<sup>m</sup>,035; espessura: 0<sup>m</sup>,011.

— Quatro fragmentos de um vaso esferoidal, de bordo liso. A uma distância de cerca de 11 milímetros da boca mostra um ornato constituído por três sulcos paralelos entre si e ao bordo, equidistantes cerca de quatro milímetros. Dimensões dos dois



fragmentos que se ajustam — Comp.: 0<sup>m</sup>,078; larg.: 0<sup>m</sup>,050; espes.: 0<sup>m</sup>,009 (Est. II, fig. 3).

#### Grupo B — Cerâmica lisa

— Fragmentos de um vaso campaniforme, correspondendo a parte do bordo e do flanco, mostrando uma porção da aresta que separa a parte superior da parte semi-esférica da vasilha. Comp.: 0<sup>m</sup>,121; larg.: 0<sup>m</sup>,080; espessura próximo do bordo: 0<sup>m</sup>,007 a 0<sup>m</sup>,009 (Est. II, fig. 11).

— Quatro fragmentos de vasilha, todos do mesmo tipo, de barro cinzento-amarelado. Os bordos são ligeiramente encurvados para fora. Dimensões de um deles — Comp.: 0<sup>m</sup>,113; larg.: 0<sup>m</sup>,090; espessura no bordo: 0<sup>m</sup>,012 (Est. IV, figs. 19, 20, 25 e 26).

— Nove fragmentos de bordos do mesmo tipo. Dois deles são ajustáveis. Os restantes devem pertencer a vasilhas diversas. Um deles, de todos o menos espesso, é extremamente negro e brunido. Os restantes são mais ou menos amarelados. Dimensões do menos espesso — Comp.: 0<sup>m</sup>,052; larg.: 0<sup>m</sup>,042; espessura perto do bordo: 0<sup>m</sup>,005 (Est. II, fig. 11; Est. IV, figs. 23 e 24).

— Fragmento de um vaso de tamanho médio e de grande abertura, correspondendo a uma porção do bordo e do flanco. Tem aresta muito boleada e apresenta mesmo sobre o rebordo uma saliência mamilar. Comp.: 0<sup>m</sup>,117; larg.: 0<sup>m</sup>,096; espessura próximo do bordo: 0<sup>m</sup>,012 (Est. II, fig. 14; Est. IV, fig. 27).

— Catorze fragmentos de bordos de vasos esféricos, pertencentes a diversas vasilhas. Todos estes fragmentos apresentam sinais de contacto com o fumo e o fogo. Espessura do mais grosso: 0<sup>m</sup>,010; espessura do mais delgado, perto do bordo: 0<sup>m</sup>,005 (Est. IV, fig. 18).

— Três fragmentos de bordos de vasilhas, provavelmente de tamanhos pequeno e médio, porém de paredes muito espessas (Est. IV, figs. 16 e 22).

— Três bordos, dois dos quais ajustáveis, todos pertencentes ao mesmo vaso semi-esférico (Est. II, fig. 10).

— Três fragmentos que pertenceram a vasos em forma de calote esférica, muito baixos e de diâmetro relativamente grande (Est. IV, fig. 17).

— Dois fragmentos de fundos de vasilhas, um deles com brunido negro, caracteristicamente argárico, e o outro, correspondendo bem ao centro do fundo da vasilha, tem no meio uma cavidade, a qual, pela parte interna do vaso, determina uma convexidade com igual desenvolvimento. Na face externa o barro está queimado e enegrecido pela acção do fogo.

### Ossos e outros objectos

— *Ossos de animais*: *Bos* (dentes e pequeno osso), *Sus* (falanges e omoplata), *Equus* (três dentes), *Cervus* (astragalo e falange), *Cervus capreolus?* (extremidade de húmero, fragmento de maxilar inferior, etc.), *Canis* (fragmento de mandíbula), *Lepus*, *Chelonia* (fragmentos de carapaça).

— *Conchas*: *Cardium edule*.

— *Ossos humanos*: Fragmentos de crânios, de vértebras, de clavículas, fémures, rádios, cúbitos, falanges, etc., tudo bastante fragmentado.

### Conclusões

Os apontamentos de Nery Delgado são perfeitamente claros, quanto à maneira por que estes variados objectos foram vistos

no local e recolhidos, embora as mesmas notas acusem mais a presença do geólogo que a do arqueólogo.

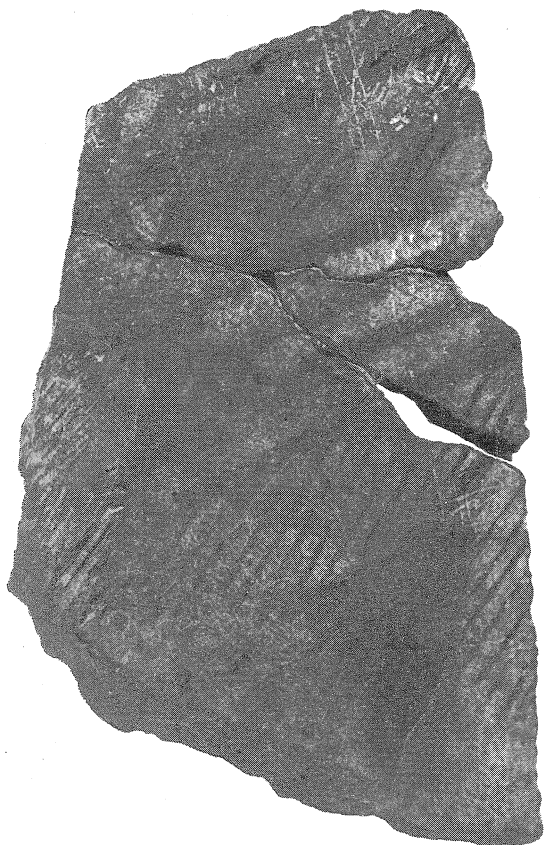
O interior das grutas nada lhe forneceu, mas somente a entrada de uma delas e o terreno fronteiro. A maioria dos testemunhos arqueológicos é formada, como ele o salientou, por fragmentos de cerâmica e, sem dúvida, esta é realmente a parte mais notável do espólio, ainda que não aparecesse qualquer peça inteira ou sequer reconstituível. Apesar disso, revelaram-se ali pelo menos três tipos cerâmicos: o esferoidal liso; o campaniforme, liso, esgrafitado ou com ornatos incisos, dos primórdios, dos metais; o caracteristicamente argárico. Estes são, na realidade, os objectos mais representativos da permanência do homem pré-histórico naquele local.

Segundo a opinião autorizada do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Professor J. Martinez de Santa Olalla o material colhido por J. F. Nery Delgado deve pertencer em maior parte ao Bronze mediterrâneo I.

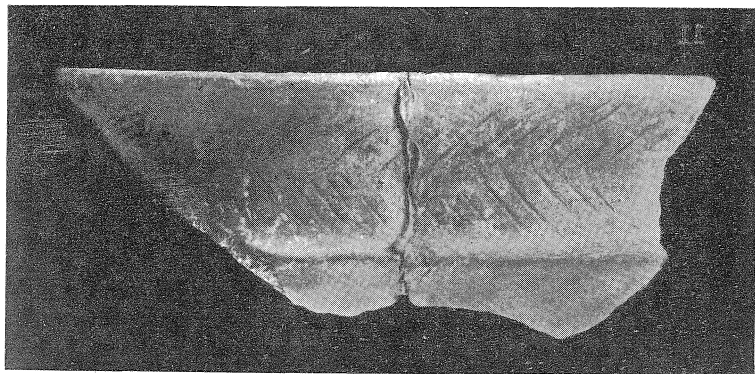
Achamos interessante de transcrever aqui a seguinte passagem da carta que recebemos há tempos do ilustre arqueólogo espanhol:

«Las localidades de Vimeiro y Monge con ceramica esgrafiada o de decoración pulida, de las que V tan amavelmente me facilitó las fotografías pertenecen al bronce mediterráneo I, con los sepulcros de cupula (que no otra cosa son las tumbas rupes-tres), ceramicas lisas de formas iberosaharianas, ceramicas zoomorfias como V mismo tiene en los Serviços, idolos planos y geral quanto caracteriza este ciclo cultural de origen predominantemente mediterraneo oriental, del cual España es centro secundario de irradiación europea occidental, con respecto al foco primario en torno al crecimiento fertil.»

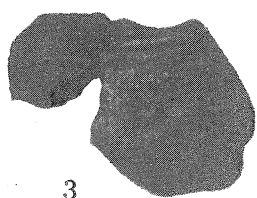
Há, simplesmente, uma lasca atípica, a atestar o Paleolítico —modesto elemento que só por si nada significa, porquanto pode ter ido parar àquele sítio por mero transporte ou por outra causa accidental.



1



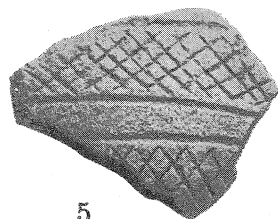
2



3



4



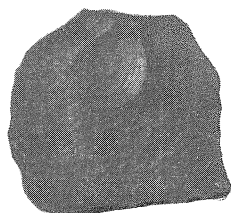
5



6



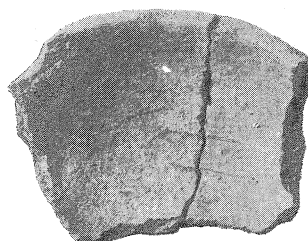
7



8



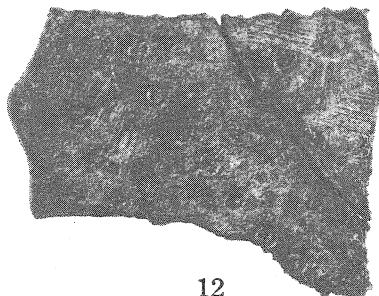
9



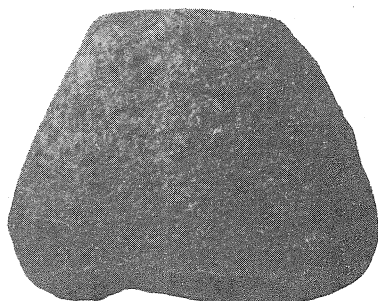
10



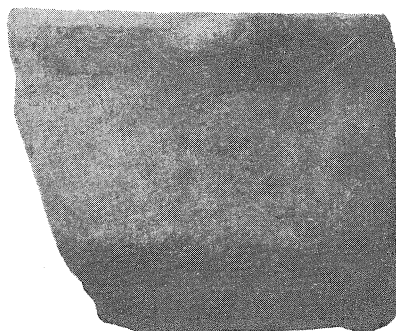
11



12

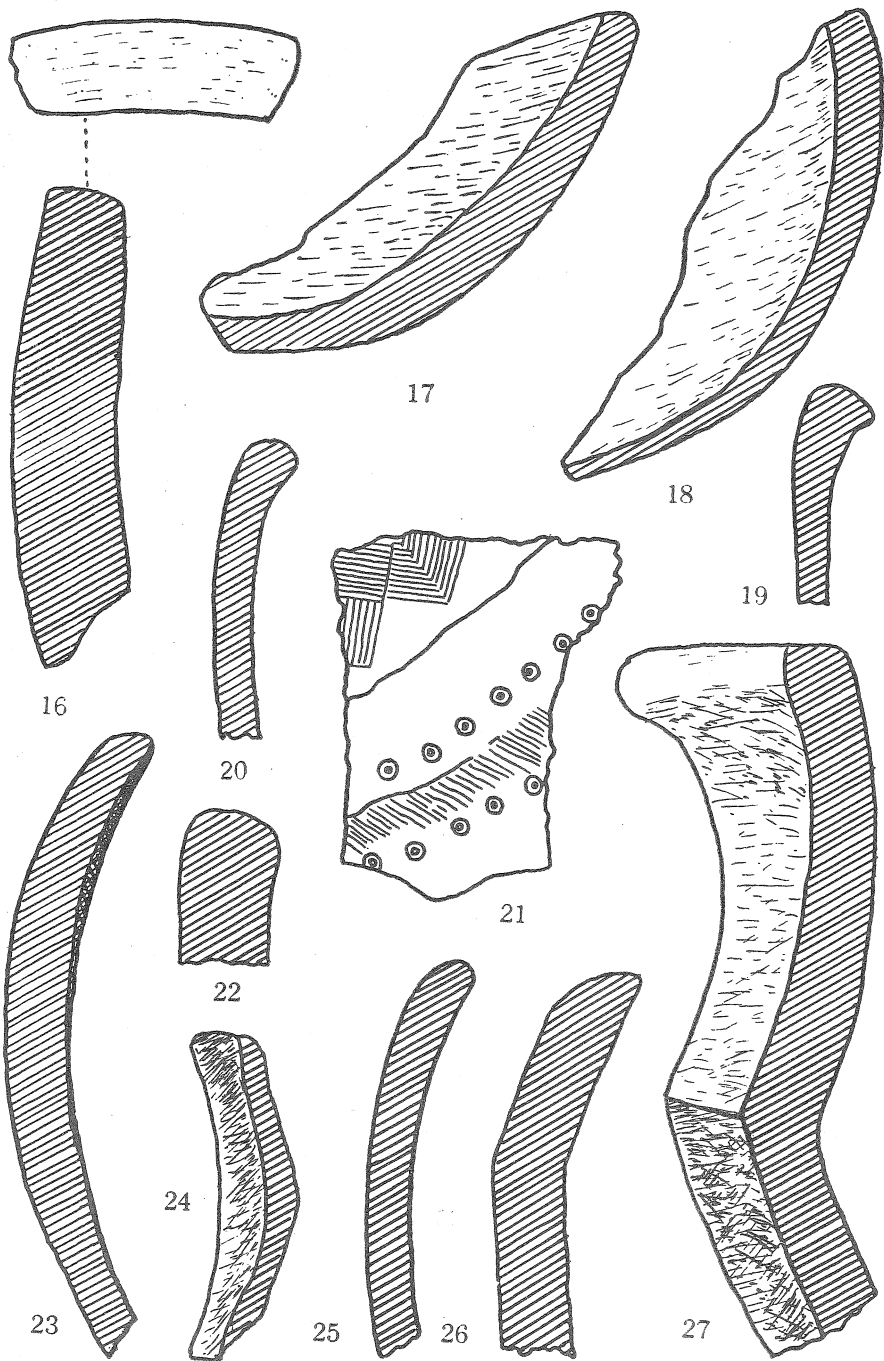


13



14





Os dados faunísticos, pelas razões que Nery Delgado teve o cuidado de salientar, não podem ser atribuídos a época pré histórica, salvo alguns que disse existirem incorporados na formação quaternária, os quais, todavia, não deixou marcados — nem nós achamos, agora, na colecção, qualquer fragmento suficientemente fossilizado ou com as aderências de grés que nos permitam atribuí-los, de certeza, a um estrato quaternário.

O pequeno fragmento metálico, com ornato semelhante ao de algumas cerâmicas e de outros artefactos da idade do Bronze, apresenta-se demasiadamente reduzido para que se possa determinar qual a espécie de objecto a que pertenceu. Admitimos, porém, a atribuição que lhe foi dada por Nery Delgado; pode ser resto de uma pequena placa ornamental de uma arma ou de um cinturão.

É para notar que os referidos apontamentos nenhuma alusão fazem a ossadas humanas, conquanto na colecção as vejamos iniludivelmente representadas. Tais fragmentos foram, com certeza, recolhidos após 6 de Outubro de 1879, ou seja, em data posterior à dos apontamentos por nós transcritos.

Podemos concluir, portanto, que junto das grutas do Vimeiro viveram populações pré-históricas, nomeadamente durante o Neolítico e o Bronze, cujos testemunhos industriais se fragmentaram e baralharam pelos ocupantes das grutas em tempos modernos e actuais, que mais de uma vez as teriam esvaziado, e pelos trabalhos agrícolas exercidos nos terrenos fronteiros para os quais seriam lançados os entulhos das grutas.